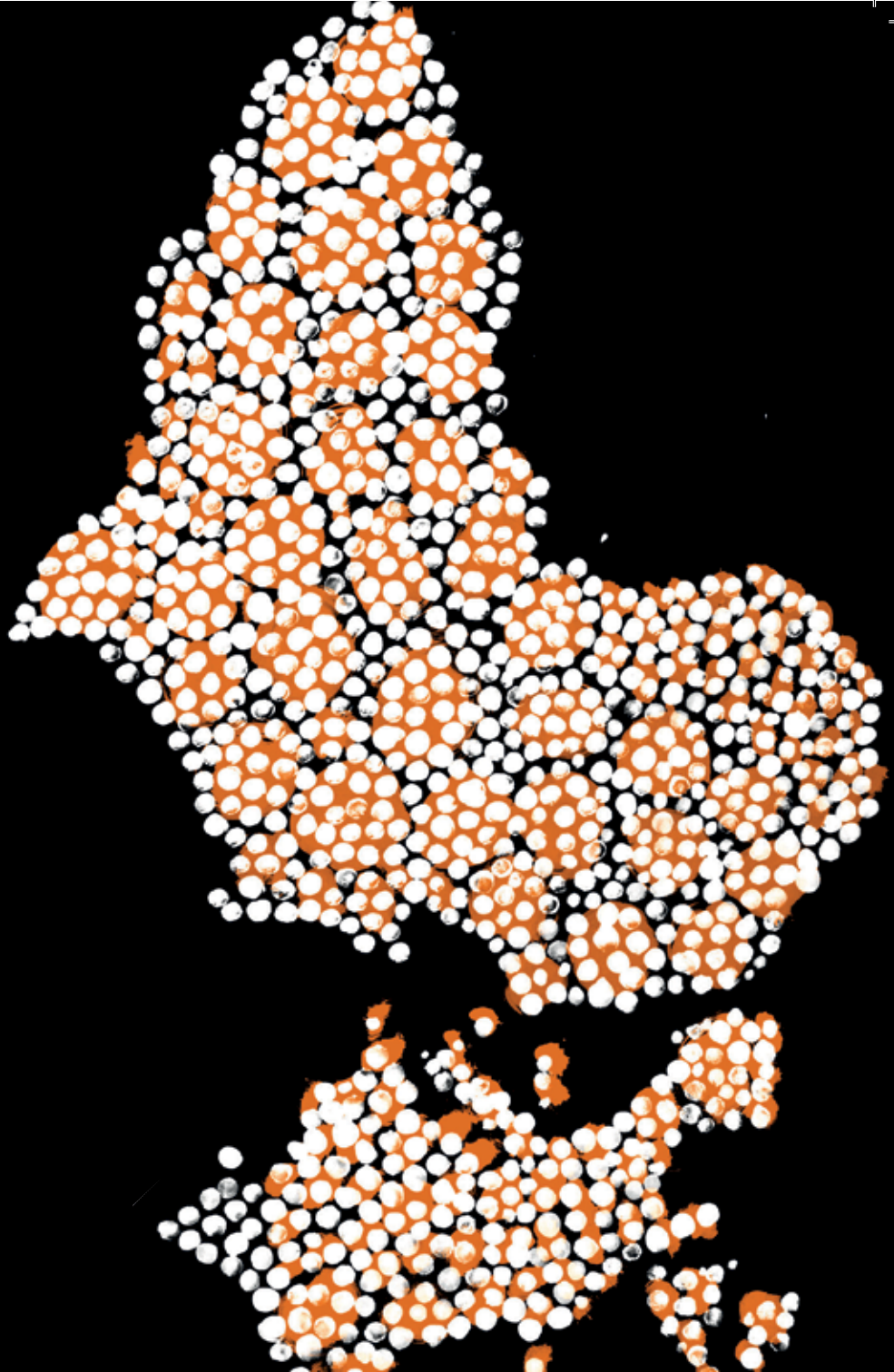

AFROEUROPEANS
CONFERENCE
4 – 6 JULY
LISBON 2019

BOOK OF ABSTRACTS
PROGRAMME

Black In/Visibilities Contested

Apolo de Carvalho,
Cristina Roldão,
Diego Candido,
Otávio Raposo,
Pedro Varela,
Raquel Lima and
Raquel Matias (eds.)



BOOK OF ABSTRACTS
OF THE 7th
AFROEUROPEANS
NETWORK
CONFERENCE

Apolo de Carvalho,
Cristina Roldão,
Diego Candido,
Otávio Raposo,
Pedro Varela,
Raquel Lima and
Raquel Matias
(eds.)

@ Apolo de Carvalho, Cristina Roldão, Diego Candido,
Otávio Raposo, Pedro Varela, Raquel Lima and Raquel Matias
(eds.), 2019

First edition

july 2019

Print edition

300 copies

ISBN

978-972-8048-39-6

Legal deposit

457732/19

Design and Typeset

Neusa Trovoada

Photography

Herberto Smith

Credits of front cover image

Sasha Huber

Printed in Portugal

by Real Base

CIES, ISCTE-IUL,

Av. Das Forças Armadas,
1649-026 Lisbon, Portugal

Tel

(+351) 21 7903 077

E-mail

cies@iscte-iul.pt

Site

www.cies.iscte-iul.pt/

Participants have responsibility for the book content

Presentations were allowed in English and Portuguese

Both sessions and abstracts were peer-reviewed

principais efeitos das práticas de ativismo acadêmico das mulheres negras no Brasil. Contudo, a minha formação, da graduação, passando por dois mestrados concluídos, até o início do processo doutoral, pouco me permitia pensar a realidade das mulheres negras, pois não se estuda a bibliografia negra nos cursos de graduação e pós-graduação brasileiros. Isolada em um ambiente totalmente branco, no qual os autores aclamados eram homens brancos da França, da Alemanha, da Inglaterra, da Itália e dos EUA, me vi desestimulada pela falta de identificação. Foi quando a ONG Criola abriu inscrições para o XII Curso de Atualização em Questões da Diáspora nas Américas, em parceria com a Universidade do Texas e com a Universidade da Califórnia. Em uma das aulas desse curso, conheci a ARMA Alliance e logo me entusiasmei com a experiência de uma mulher finlandesa, a Monica Gathuo, sobre a vivência de sua raça em um país tão branco e sobre como engendrava resistências ao racismo através de plataformas midiáticas.

Alguns meses depois, a ARMA Alliance abriu um processo seletivo em busca de uma pesquisadora brasileira que pudesse colaborar e, posteriormente, conduzir o trabalho de pesquisa no Brasil – para o qual fui selecionada. Em conjunto com Leonardo Custódio, pude conhecer e entrevistar ativistas negras que atuam em diferentes plataformas midiáticas, de norte a sul do país. Algumas dessas ativistas estão envolvidas em iniciativas como o Portal Geledés, o Blogueiras Negras, as Intelectuais Negras, a Rede de Ciberativistas em Defesa dos Direitos das Mulheres Negras da ONG Criola, o Portal BlackFem, a Jornalistas Pretas, o Coletivo Nuvem Negra, a Meninas Black Power, a PretaLab, a Bibliopreta, a Odara Instituto da Mulher Negra, também em organizações como a Justiça Global e a ONU Mulheres, além de empresas comunicacionais, como o jornal The Intercept, a Rede Globo e, por fim, com a produção de conteúdo no Youtube.

Embora as minhas atividades não tenham sido realizadas na Europa, a ARMA Alliance propõe um diálogo entre as

práticas ativistas negras brasileiras e finlandesas através da troca de vivências entre pessoas que moram nesses dois países. Isso permite tanto o estreitamento de laços entre realidades distintas, quanto a identificação de diferenças radicais e inconciliáveis entre o contexto europeu e o contexto latino-americano. Parte do trabalho que está em processo é apresentar as especificidades brasileiras para, em associação com pesquisadores residentes em terras europeias, identificar essas semelhanças e divergências contextuais no ativismo midiático negro. Assim, neste paper, pretendo compartilhar minha experiência como pesquisadora ativista da ARMA Alliance no Brasil, apontando desafios metodológicos preliminares para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas feitas por ativistas negras que tomam outras ativistas negras como sujeitos de pesquisa.

As origens do movimento negro em Portugal no século XX e a relevância da sua imprensa escrita (1911-1933)

Pedro Varela Universidade de Coimbra (CES-UC)
and José Pereira - Universidade Nova de Lisboa (IHC-FCSH)

Portugal o primeiro movimento negro do século XX, que foi também pioneiro na luta organizada antirracista (Varela & Pereira, 2019). Esta geração de homens e mulheres negras foi parte integrante do movimento pan-africanista internacional e iniciou um processo embrionário de denúncia do colonialismo. W.E.B Du Bois viajou para Portugal para se reunir com esta geração em 1923, no que ele chamou de Sessão de Lisboa do III Congresso Pan-Africano (Du Bois 1924: 170). Sabemos que uma parte importante dos membros deste movimento veio dos territórios ocupados por Portugal no continente africano, em criança ou adolescente para estudar ou trabalhar, estabelecendo-se

depois no país. Não é fácil saber qual era a sua composição social, mas nas suas lideranças, podíamos encontrar estudantes, médicos, advogados, engenheiros, comerciantes, jornalistas, escritores, professores ou músicos.

Entre a Primeira República (1910-1926) e o Estado Novo (1933-1974), esta geração fundou e dirigiu diversos jornais em Lisboa: O Negro (1911); A Voz D'África (1912-1913 e 1926-1930); Tribuna D'África (1913 e 1931-1932); O Eco D'África (1914-1915); Portugal Novo (1915); A Nova Pátria (1916-1918); O Protesto Indígena (1921); Correio De África (1921-1923 e 1924); A Mocidade Africana (1930-1932); Africa Magazine (1932); e Africa (1931 e 1932-1933). Muitos destes jornais eram porta-vozes das diversas organizações que surgiam: Associação dos Estudantes Negros (1911); Junta de Defesa dos Direitos D'África (1912); Liga Africana (1920); Partido Nacional Africano (1921); ou Movimento Nacionalista Africano (1931).

Pretendemos discutir na nossa comunicação a importância que a imprensa escrita teve para esta geração: na sua organização; diversificação; e sobrevivência histórica através do seu registo físico em jornais. Queremos também recuperar a memória deste movimento, rompendo com um grande silêncio na historiografia portuguesa sobre a luta organizada dos afrodescendentes contra o racismo e pela igualdade de direitos no país.

A geração negra de 1911-1933 sobreviveu até hoje devido à sua imprensa escrita que hoje podemos aceder em microfilmes na Biblioteca Nacional de Lisboa. Fisicamente esta imprensa resistiu a uma longa ditadura fascista (1933-1974) e ao desprezo que sofreu até à atualidade na historiografia portuguesa. Esta comunicação baseia-se numa pesquisa com mais de um ano onde as fontes primárias são as centenas de números de jornais publicados na época. Ontem como hoje o "mediativismo" é central para o movimento negro e a luta antirracista. Essa é uma longa tradição revelada por esta geração em toda a sua vitalidade nos seus jornais e reflete o papel da intervenção na imprensa enquanto ferramenta de conquista do espaço

público e de disputa na arena política, uma arma que esta geração soube esgrimir em defesa dos direitos do ser humano negro.

Narrativas de mulheres negras na comunicação e tecnologia

Silvana Bahia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Os últimos dez anos no Brasil são marcados pela criação de políticas de acesso à educação e avanços na tecnologia, principalmente no campo da comunicação. O surgimento de novas vozes e narrativas possibilitaram a criação de novas referências de ser negro num país marcado pelo racismo. Esse conhecimento do Brasil se relaciona com a experiência do período que estive em residência na Finlândia, onde pude conhecer iniciativas antirracistas. A proposta da apresentação é apresentar as relações dos dois países nesse universo e apresentar propostas para cooperação.

Uses of digital media by women of colour to raise their voice in Finland

Monica Gathuo

Anti-Racism Media Activist Alliance (ARMA)

In my presentation I will be examining some of the ways in which women of colour in Finland use media, and especially digital media, to raise their voices in public discussion. The presentation discussion is part of my master's thesis carrying the same theme but broadening it to multiple mediaplatforms. With this research I contribute to the increasing academic debate about the growing and